

Como o analista pode "sustentar sua fala hoje?"

(Intervenção feita no Congresso de Barcelona, Círculo Freudiano)

O título do colóquio comporta três termos que especificam a questão colocada ao sujeito "da psicanálise": ética, prática, hoje.

. Dizer **prática** (analítica) é enfatizar que é aqui engajado no exercício próprio do "psicanalisar" e não numa discussão acadêmica sobre "teoria". Falarda *prática* no singular, quando sabemos bem que existem todos os tipos de modalidades práticas analíticas e que não esperamos hoje para nos livrarmos do estereótipo de "cura tipo" (cf. Lacan: *Variantes da cura tipo*), é referir-se ao

Parei aqui demorei 30_

que se supõe ser invariante da prática analítica através das suas variedades "técnicas", dos seus lugares e dispositivos. Se a questionamos em relação ao "hoje", não é simplesmente porque um novo contexto levaria a considerar uma nova variação "técnica", mas que poderia questionar a própria orientação prática analítica, que não é apenas uma "técnica", mas se compromete com uma ética.

. **Ética** (da prática analítica): foi Lacan quem impôs o termo (seminário *Ética*) por uma dupla ruptura. Romper com a moral social de todos os tipos que não diz respeito a uma prática particular, mas às linhas de conduta dos sujeitos na sociedade e que, além de suas variedades (de forma e conteúdo), são todas redutíveis a "serviços do Bem". E romper com a *ética profissional* na medida em que apenas desenham um "quadro" mais ou menos rígido que, em última análise, permanece técnico, constituído por procedimentos que servem propósitos determinados de outra forma e não questionados, ignorados ou implicitamente refletidos no quadro em questão.

Questionar, portanto, a ética da *prática analítica*, como o Congresso nos convida a fazer à luz do hoje, pressupõe antes de tudo que nos demos ao trabalho de reespecificar para nós mesmos em que consiste essa ética supostamente estabelecida. Obviamente, temos respostas, fórmulas como "ética do desejo" ou "ética da realidade", mas não tão

claras e simples (felizmente talvez!). Em particular, não é fácil identificar axiomas ou princípios

que não sejam meras renovações ou generalizações de modalidades relacionadas a contextos de tempo ou situações particulares.

Esta questão implica mais radicalmente perguntar se e como *hoje, o contexto atual da nossa prática, poderia* questionar nossa ética e se, portanto, seria apropriado modificar ou complementar o que foi desenvolvido até agora em termos de ética da prática.

De qualquer forma, trata-se de não se prender entre, por um lado, uma tensão rígida sobre supostas conquistas que se prenderiam a uma postura defensiva, a uma nova "ortodoxia" e, por outro lado, uma "abertura" total ao zeitgeist. Sendo o primeiro correndo o risco de se desconectar do "mundo" em que gostamos ou não a psicanálise se dá socialmente, pois se é "excêntrica", não é "extraterritorial"... A segunda, que pode ser vista como uma nova adaptação à "realidade" do momento, um "modo de vida pós-moderno", comparável ao que Lacan lutou nos anos sessenta.

. **Hoje**, especialmente, deve ser questionado, ou seja, o contexto social ou mesmo "civilizacional" em seu impacto direto nas modalidades ou mesmo na possibilidade de existência de nossa própria prática e, indiretamente, nas modalidades psíquicas dos indivíduos sociais que somos e recebemos. Aqui, novamente, pode ser tomado mais ou menos radicalmente.

Podemos nos concentrar em aspectos particulares, ou mesmo "detalhes" ou conjunturas que certamente podem ter efeitos profundos sobre o trabalho, como a questão que muitas vezes surge (com razão, mas na minha opinião míope) do uso do telefone ou de vários meios de comunicação durante a pandemia: mas nós o deixaríamos o mais próximo possível de dificuldades "técnicas", Não tão diferentes daquelas que o movimento analítico encontrou desde a sua criação secular e que o levaram a evoluir e diversificar as suas formas de fazer as coisas.

Mas também podemos ouvir no "hoje" uma mutação civilizacional (ou bárbara?) que vai muito além ao questionar o que fez o leito social para o "divã". Afinal, Lacan parece ter tido a apreensão, se não a conceituação, nos anos 70, em especial com a invenção do 5º *discurso* chamado capitalista (ao qual alude o argumento), que não é apenas um acréscimo

aos quatro, mas perturba seriamente a "rodada" entre eles, rodada que deveria garantir o discurso recém-chegado do analista, os 4 discursos não eram tanto não sem abrir espaço para o impossível (uma realidade), enquanto o discurso capitalista (associando o

discurso do mestre no poder e o poder tecnocientífico) pretende "dar a volta" sem parar e, diz Lacan, "consumir-se *até consumir*". Isso não significa necessariamente a inexistência ou obsolescência do discurso analítico, mas nos obriga a repensar sua eficácia nesse novo contexto sob pena de desaparecimento (morte da psicanálise que Lacan poderia vislumbrar).

Isso afeta a ética da prática? Esta é a nossa questão em aberto.

O que se pode dizer a priori e em breve?

Em primeiro lugar, trata-se de destacar *a função da fala* em nossa prática. Isso não é novidade, e podemos contar em particular com *Variantes da cura típica*, e essa fórmula-chave de Lacan que o analista "*carrega a palavra*" do analisador. Não é novo, mas para ser renovado em vista do novo mundo que está apontando, aquele onde a inflação de imagens e "ícones" domina cada vez mais, o que não apenas curto-circuita a fala e seu apego ao registro simbólico, mas também interrompe o próprio registro imaginário como espaço-tempo em que um sujeito pode encontrar para se ajustar *entre a captura na* imagem alienante do corpo e a referência à voz-olhar do Outro *em eco*. Lembremos que o narcisismo no sentido freudiano não é redutível ao que acontece com Narciso no mito como é mais frequentemente contado, que, surdo a Eco, se perde no puro escópico de seu reflexo. É esse *jogo específico da* operação narcísica no sentido freudiano do próprio registro imaginário que tende a ser excluído pela onipresença do imaginário, não apenas nas redes da Internet, mas na profusão da publicidade ou da grande maquinaria da imaginação em ready-made como a Disneylândia ...

Mas, voltando à palavra, isso não é tudo, porque o nosso novo mundo é também, "ao mesmo tempo", aquele onde é promovido a "falar-falar-falar", especialmente nas chamadas "células de crise", onde os psicólogos correm atrás de eventos supostamente traumáticos; ou também nos meios de comunicação onde os ouvintes são convidados a expressar-se "livremente", isto é, "livremente", como se diz que o discurso capitalista de Lacan "gira"; ou em reuniões ou seminários" organizados pela empresa ou mesmo pela administração do

Estado para que todos "desabafem" ao falar. Fale, fale, diga, e depois? Nada, ninguém realmente ouve. O que a psicanálise pode afirmar não é essa "liberdade de expressão", livre de qualquer eco que pare de onde ela "retorna a mensagem invertida", é uma palavra endereçada, um endereço que,

se não responde a ela de acordo com o pedido de “compreendê-la”, de fazer "como" ou seu oposto, mas *responde a ela*, dá-lhe em troca menos consistência para ser aquiescida em suas palavras do que credencia a existência a dizer: Só teremos falado sobre ser ouvidos, mesmo que na maioria das vezes seja mal compreendido. É nesse sentido que a fórmula acima mencionada pode ser entendida: o *analista se manifesta*. Não como uma mídia que a dispersa ao vento, o suposto orador olhando no maior número de *sinais* de "seguidores" um seguro sempre decepcionado (se não às vezes lucrativo financeiramente), mas como um detentor do simbólico.

E clinicamente, eu vejo isso: os pacientes estão atualmente chegando, além de experiências "terapêuticas" de todos os tipos, incluindo behavioristas e apesar de uma linguagem pré-fabricada que os terá "catalogado", e podem encontrar uma escuta completamente diferente, nem muda nem falante, mais como um analisador me disse alguém que "fala silenciosamente", ou seja, faz sua voz ouvida pelo analisador. A palavra que pode ser afirmada não é a licença para "expressar-se", para esvaziar o suco como um limão na prensa de limão, é um acesso à existência que quer dizer, inclusive gestual.

E é também através disso que podemos chegar à questão da chamada presença do analista, que foi mencionada em conexão com o uso do telefone, skype ou SMS, porque esta palavra que é abordada supõe outro que como encarnação do Outro da palavra está lá no *corpo*, mesmo e especialmente se ele está lá apenas para estar ausente – para ouvi-lo em sua forma verbal, ou seja, um *processo de absenteísmo*, não sem mobilizar afetos que circulam entre eles. Desse ponto de vista, a característica da experiência analítica não é constituir simplesmente um duo que faz um espelho virtual, mas uma "díade", onde os "dois" estão em assimetria, sendo o ser do analista eminente como um objeto- voz *carregando a palavra* do outro, no sentido de ser “*carregado*” como na escrita musical e não de se colocar como um “*porta-voz*» »... e o outro analisando vindo a tomar voz que “*autonomeia*”. Escrevo-o erradamente com dois m para fazer ouvir "nome", por diferença com o que tende a se desenrolar no mundo de hoje pela promoção da "autonomia" concebida como individuação auto-plena, auto-emprego de si mesmo ou auto-criação de sua vida forçando o

Outro e reduzindo os outros que poderiam simbolizá-lo a rivais, e que beira a ideologia libertária – cf. Elon Musk como uma figura delirante...

Uma segunda dimensão do método ético de análise é a do *tempo*. Vou delinear apenas dois aspectos aqui.

Uma das características do nosso tempo é a velocidade, a velocidade para o imediatismo promovido para qualquer atividade, e febrilmente esperado da terapia. Parece-me que eticamente em nossa prática não devemos ceder à instituição analítica de um tempo para *elaborar*, um tempo não contábil, que além de um espaço (diádico, ver acima) oferece uma temporalidade indeterminada a priori, se não sem varreduras das sessões, onde a obsessão digital é esvaziada: o tempo que leva. Não é clinicamente fácil chegar lá com aqueles que vêm com pedidos bem estabelecidos e requisitos de "resultado" decurso prazo, e isso provavelmente implica inventar maneiras de fazer as coisas nas "entrevistas preliminares" às quais não estávamos acostumados aos "anos gloriosos", quando os pedidos de análise foram imediatamente pré-formados por uma cultura que se prepara para eles e onde o significado de um "trabalho" a ser feito não foi denegrido a priori.

Outro aspecto da dimensão do tempo seria o que eu quero chamar *de realidade do tempo*, ou seja, sua irreversibilidade. Não é novidade que tentamos negá-lo, mas nosso novo mundo e a "subjetividade de hoje" que ele produz vêm acentuar sua negação, seja buscando estender indefinidamente o curso a delírio transumanista que toma conta das religiões por meios tecnocientíficos, ou, mais comumente, mais neuroticamente, subjetivamente se esforçando para agir como se tudo o que acontece fosse reversível, que poderíamos sempre argumentar que "tudo é possível", ou que assim permanece mesmo depois de um acontecimento que se deslocou: não novo lá de novo, mas que agora se encontra a depender do discurso dominante... Mas a psicanálise não nega a morte nem encoraja o "retorno", esses dois limites da instância humana...